

# ACONSELHAMENTO RELACIONAL NO PROCESSO DA REINserÇÃO SOCIAL E FAMILIAR DO USUÁRIO DE ÁLCOOL E DROGAS ILÍCITAS

Me. Rodrigo Rangel <sup>1</sup>  
Esp. Héctor Jesús Moreno Ruiz <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade fornecer informações e conhecimento na área do aconselhamento relacional às famílias de pessoas viciadas em drogas, além de oferecer ferramentas e estratégias que possam apoiar o processo de reintegração social do adicto. O abuso de álcool e outras drogas tem sido um problema de saúde pública no Brasil nas últimas décadas. Diante dessa alarmante situação e da falta de conhecimento por parte das famílias sobre como ajudar o adicto, torna-se urgente realizar uma pesquisa bibliográfica que leve o foco para as soluções, e não apenas para o problema. Como é sabido, o tratamento do adicto requer uma equipe multidisciplinar, porém, a família e os amigos desempenham um papel crucial, não apenas no tratamento, mas também no processo de reintegração social. Nesse contexto, as recaídas são vistas não como algo negativo, mas como algo esperado, e é essencial que estejamos equipados com ferramentas úteis, como a escuta ativa, o apoio entre amigos, o encorajamento, a empatia e a demonstração de calor humano.

**Palavras-chave:** Aconselhamento. Adicto. Família. Amigos. Reinserção Social.

## ABSTRACT

The present article aims to provide information and knowledge in the area of relational counseling to families of drug addicts, as well as to offer tools and strategies that can support the process of social reintegration of the addict. Alcohol and drug abuse have been a public health problem in Brazil in recent decades. Given this alarming situation and the lack of knowledge within families on how to help the addict, it becomes urgent to conduct a bibliographic research that focuses on solutions rather than just the problem. As we well know, the treatment of the addict requires a multidisciplinary team, but family and friends play an important role not only in treatment but also in the social reintegration process, where relapses occur not as something negative, but as something to be expected, in view of this we need to be equipped with useful tools such as listening, friend-to-friend support, encouragement, empathy, and warmth.

**Keywords:** Counseling. Addict. Family. Friends. Social Reintegration.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia com ênfase em exegese (FABAPAR), Especialista em liderança e pastoreio (FABAPAR) e em formação docente para EAD e licenciado em Pedagogia (UNINTER). Mestre em Teologia (FABAPAR). Professor com mais de vinte anos de experiência. Atualmente reside em Curitiba, Paraná, onde leciona no Centro Universitário Internacional (UNINTER) na área de humanidades para os cursos de teologia, ciências da religião, filosofia e sociologia. Leciona também na Faculdade Teológica Betânia - FATEBE no curso de bacharel em teologia e na pós-graduação. Além de professor, atua como pastor, conferencista e escritor.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia na Faculdade Teológica Betânia - FATEBE.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, nossa sociedade tem sido marcada pelo uso abusivo de drogas. Atualmente, o abuso no consumo de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, tornou-se um problema de saúde pública. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 incluiu a saúde como parte da seguridade social, adotando um modelo de proteção social público, universal e voltado para a redistribuição de recursos para esse fim. (BRASIL, 1988).

Em 2021, dados do VIGITEL (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico) indicam que os brasileiros não estão bebendo de forma moderada, com cerca de 18,4% dos consumidores de álcool apresentando consumo abusivo, estabelecendo assim um padrão de consumo na sociedade brasileira. Entre os homens, esse percentual foi de 25,6% em 2021, mas em 2010 era de 27%. Já entre as mulheres, houve um aumento no consumo de álcool de 10,5% em 2010 para 12,7% em 2021. (VIGITEL, 2021).

Este grave problema também tem afetado diretamente nossas famílias e igrejas. A maioria das pessoas tem algum conhecido ou familiar que passou pelo processo de reabilitação e está na fase de reintegração social, um processo definido por Sanches e Vecchia (2018, p. 2) como "uma noção importante para pensar novas práticas e cuidados fora dos muros do hospital, sem excluir o indivíduo de seu convívio familiar e comunitário".

Como a reintegração social está relacionada à exclusão do indivíduo dos sistemas básicos, como família, saúde e trabalho, o objetivo deste processo é capacitar o indivíduo para exercer seus direitos. Nos últimos cinco anos, este pesquisador tem trabalhado na área da dependência química e afirma que o número de reincidentes é alarmante e preocupante. Tanto a igreja quanto as famílias, embora estejam cientes desse problema de saúde pública, possuem pouco conhecimento sobre as ferramentas que podem ajudá-las a lidar com essa situação.

O abuso no consumo de substâncias, como álcool e outras drogas, é sem dúvida um grave problema em nossa sociedade e constitui um fator determinante para o aumento dos índices de criminalidade. Muitos usuários de SPA (Substância Psicoativa) procuram ajuda em hospitais psiquiátricos, comunidades terapêuticas, unidades de acolhimento, etc., em busca de uma solução para seu problema.

Aqueles que conseguem uma vaga para iniciar um tratamento terapêutico e concluem (que são poucos), desejam voltar ao ambiente familiar, social e ao mercado de trabalho, porém não conseguem permanecer sóbrios. Durante o processo de acolhimento, além de receberem atendimento na área médica, social e psicológica, também passam pelo processo de aconselhamento. Eles são ouvidos e orientados na mudança de hábitos, pessoas e lugares.

Fora desse ambiente seguro e de proteção, são muitos os usuários que recaem no abuso de SPA. Embora existam muitos grupos de ajuda mútua que podem ser usados como rede de proteção, os usuários gastam mais tempo no trabalho e com suas famílias.

É por isso que pensamos na importância de as pessoas mais próximas ao adicto fazerem parte da rede de proteção e não serem um fator de risco, vulnerabilidade e de muitos erros na tentativa de ajudar, evitando a terceirização do problema. Diante disso, levantamos a seguinte questão: por que é importante o aconselhamento relacional como uma ferramenta de apoio e como preparar e auxiliar as famílias para esta fase do desenvolvimento do adicto na reinserção social?

Portanto, compreendemos que os adictos às drogas, quando se submetem a um processo de reabilitação e após iniciarem o processo de reinserção social, passam por experiências penosas, onde podem se frustrar e desanimar, resultando em uma nova recaída. Contudo, acredita-se que, se as famílias adquirirem conhecimento e preparo na área do aconselhamento relacional, poderão servir de suporte neste processo, reduzindo assim a reincidência do adicto ao consumo de drogas.

A partir desta premissa, esta pesquisa procura demonstrar a importância do aconselhamento relacional como uma ferramenta de apoio, de preparo e de auxílio para as famílias no desenvolvimento do adicto na reinserção social. Deliberando por pelo menos três eixos: 1. Definir os principais aspectos do aconselhamento relacional; 2. Indicar o aconselhamento como uma importante ferramenta para as famílias dos adictos; 3. Identificar as estratégias sugeridas pelos especialistas em aconselhamento relacional para que as famílias as utilizem no desenvolvimento do adicto na reinserção social.

## 2. PRINCIPAIS ASPECTOS DO ACONSELHAMENTO RELACIONAL

O ser humano vive em comunidade, portanto os conflitos gerados nos relacionamentos não podem ser evitados (ATIENCIA, 2000, p. 43). A vida que o ser humano carrega e partilha com o resto do mundo tem sua origem no próprio Deus, como relatado em Gn. 2.7, onde se mostra que a vida provém do sopro de Deus no homem, conseqüentemente este passa a existir; logo, esta vida que lhe foi dada não é em vão, ela possui um propósito. Então, a vida segundo a Bíblia se baseia em quatro aspectos essenciais onde o ser humano se desenvolve: 1. Ser psicológico-pessoal; 2. Ser sociológico-comunitário; 3. Ser teológico-transcendente; e 4. Ser histórico-político (INHAUSER; MALDONADO, 1989, pp. 15-17).

São criaturas sociais todos os seres humanos, pois Deus criou a Adão e lhe fez uma mulher para que não estivesse só e se multiplicaram por toda a terra e hoje são bilhões que a ocupam. Nas relações interpessoais, onde interagem mais de duas pessoas, as relações e a comunicação são pacíficas, mas normalmente elas "são tensas e marcadas por conflitos" (COLLINS, 2004, p. 270). Também podemos afirmar que "nossa vida se desenvolve em uma complexa rede de relações pessoais" (ATIENCIA, 2000, p. 25).

Dentro deste panorama, temos a dinâmica familiar, onde as famílias se caracterizam por terem conflitos, agressões de diversos tipos, infidelidades, crises, entre outras. Collins cita a Dolores Curran que se contrapõe com esta conclusão, sem negar a existência de problemas nas famílias. Em sua pesquisa, oferece diversos aspectos de uma família bem ajustada:

Os membros se comunicam e ouvem uns aos outros. Existe apoio e estímulo mútuo. Os membros aprendem a respeitar os outros. Os membros confiam uns nos outros. Existe um clima de humor e brincadeira. As responsabilidades são compartilhadas. Os membros aprendem a diferença entre certo e errado. Os laços de família são muito fortes e há respeito pelos rituais e tradições. Há equilíbrio nas interações dos membros. O cerne da crença religiosa é compartilhado por todos. Há respeito pela privacidade de cada um. Valoriza-se o serviço ao próximo. Os períodos de lazer são compartilhados por todos. As pessoas admitem suas dificuldades e procuram ajuda para resolvê-los. Entretanto, muitas famílias que não têm essas características vão procurar a ajuda de um conselheiro (COLLINS, op. cit., p. 513).

Baseando-nos nessa reflexão, torna-se necessário abordar a figura do conselheiro, uma vez que a maioria das famílias não possui as características básicas

de uma "família ajustada", levando o indivíduo a se desestabilizar existencialmente. Collins indica que os processos de aconselhamento lidam, em sua totalidade, com as relações interpessoais, de forma direta ou indireta, e o conselheiro deve se preocupar com a maneira como as pessoas interagem entre si, incluindo a forma como se comunicam (Ibid., p. 270).

No momento em que se busca ajuda de um conselheiro, surgem novas relações, o que nos leva a definir esse processo chamado aconselhamento. Bacelar (2018, p. 44) descreve que o aconselhamento não é exclusivo do cristianismo, sendo uma prática intimamente humana. O "aconselhamento é uma conversa na qual uma das partes, com questões, problemas e dificuldades, procura auxílio de alguém que acredita ter respostas, soluções e ajuda". Com base nesse conceito, ele afirma que sempre estamos aconselhando, pois o aconselhamento "pode ser formal e informal, altamente relacional ou mais profissional, religioso ou secular" (LAMBERT, 2017, p. 17).

Ampliamos a definição de aconselhamento desta forma:

O objetivo do aconselhamento é dar estímulo e orientação às pessoas que estão enfrentando perdas, decisões difíceis ou desapontamentos. O processo de aconselhamento pode estimular o desenvolvimento sadio da personalidade; ajudar as pessoas a enfrentar melhor as dificuldades da vida, os conflitos interiores e os bloqueios emocionais; auxiliar os indivíduos, famílias e casais a resolver conflitos gerados por tensões interpessoais, melhorando a qualidade de seus relacionamentos; e, finalmente, ajudar as pessoas que apresentam padrões de comportamento autodestrutivos ou depressivos a mudar de vida (COLLINS, 2004, p. 17).

A palavra "aconselhamento" deriva do latim "consilium", que significa conselho e discussão conjunta sobre algum problema e sua solução. Em nosso contexto, esse termo não apenas implica em dar conselhos ou ter todas as respostas, mas sim em auxiliar as pessoas em seus conflitos, crises internas ou externas e problemas de forma voluntária e comprometida. O objetivo é capacitar o indivíduo a se fortalecer e libertar-se do sentimento de dependência, permitindo que ele mesmo possa enfrentar seu processo de superação, recomposição e libertação (MATIAS, 2014, p. 95).

O autor também destaca a importância do aconselhamento por meio do diálogo e do convívio, enfatizando que os processos de desenvolvimento devem ser assumidos pelos próprios indivíduos e suas famílias, com o apoio de companheiros

de jornada que possam ajudá-los a enfrentar suas angústias e problemas da melhor maneira possível (Ibid., p. 95).

O valor do aconselhamento é evidente em diversos contextos, seja na família, em grupos, em instituições ou na igreja, e por isso existem diferentes abordagens. Por exemplo, Macedo define o aconselhamento bíblico como aquele em que "a Bíblia é suficiente para lidar com todos os problemas da vida", enfatizando que as soluções devem ser centradas em Cristo e não nas abordagens seculares, considerando que todos os problemas têm raízes no âmbito espiritual (MACEDO, 2019, p. 15).

Outros tipos de aconselhamento seriam o psicológico e o pastoral:

A técnica do aconselhamento psicológico relaciona-se à problemática da superação de conflitos e ao processo de autoconhecimento. O aconselhamento pastoral, por sua vez, focaliza questões e problemas que se colocam no percurso da existência à luz, principalmente, de pressupostos e recursos teológicos e espirituais, visando auxiliar o indivíduo a crescer em todas as dimensões relacionais (BACELAR, 2018, p. 45).

Para Collins (1990, p. 9), todo aconselhamento é relacional. Portanto, é dever de todos ajudar as pessoas com problemas. Os profissionais na área têm a tarefa de executar sua função de maneira especial, mas todos nós estamos envolvidos neste processo de aconselhamento quase todos os dias.

Mesmo que não o reconheçamos, seja como guias em meio às crises dos nossos filhos, ajudar uma vizinha aconselhando-a no processo do luto, orientar um adolescente no processo do namoro em como deve ser seu comportamento, ouvir atentamente um pai que tem um filho desobediente, animar uma família que tem um parente alcoólatra, auxiliar um jovem que passa por uma situação complicada no seu trabalho, dentre outras situações que são tratadas por conselheiros leigos com muita eficácia.

### **3. ACONSELHAMENTO COMO FERRAMENTA EFICAZ PARA FAMÍLIAS DE ADICTOS**

A família é como um sistema, e podemos perceber ao longo das Escrituras, tanto no Antigo Testamento com figuras como Noé, Abraão, Davi e Jó, quanto no Novo Testamento com famílias que conviveram com Jesus, Maria, Marta e Lázaro, além das famílias do início da Igreja do século I, como as de Lídia, Áquila e Priscila.

Considerando a perspectiva sistêmica da família, ela vai além de um conjunto de seres humanos, sendo um "espaço onde, a partir das relações desenvolvidas entre os membros, se forjam as condições para a saúde ou enfermidade de um lar" (GRZYBOWSKI, 2012, p. 14).

Neste modelo sistêmico da família, percebemos o ser humano como parte integrante do meio e resistente a trabalhar de forma intrapsíquica, insistindo na dimensão relacional. Como uma teia, os fatores interligados resultam na conduta humana, e ao tocar qualquer parte da teia, o movimento é transmitido para as demais conexões. Nesta ilustração, a família é um dos elementos mais importantes da teia relacional. Outra comparação possível é a família como uma peça musical de uma orquestra sinfônica, onde as diferentes notas se unem para formar um acorde harmonioso. Assim, as famílias são como um sistema em constante movimento, relacional e circular (Ibid., p. 15).

As famílias estão imersas nesse contexto de relações interpessoais, onde sua dinâmica conflituosa gera grandes desafios para quem pretende ajudá-las, especialmente quando um membro da família enfrenta problemas de vícios devido ao abuso de substâncias psicotrópicas. O vício, segundo Collins, é qualquer pensamento ou comportamento habitual, repetitivo e difícil, ou impossível, de controlar, resultando em um problema duradouro de saúde e social. O vício gradualmente exerce domínio sobre a pessoa, levando-a a buscar mais, mesmo após passar por uma penosa desintoxicação (COLLINS, 2004, p. 597).

Milhões de pessoas encontraram ajuda em grupos como os Alcoólicos Anônimos (A.A), onde exercem sua fé em um "Poder Superior, um poder impessoal". No entanto, os adictos lidam diariamente com a culpa e a vergonha, que geram sentimentos de tormento, vazio e carência emocional, mas esses sentimentos são purificados por Deus. Incapazes de se relacionar com sua família e amigos devido à incapacidade de levar uma vida decente, gerando constrangimento, torna-se necessário consertar o relacionamento com Deus, confessar pecados e receber perdão, além de parar de ocultar o vício e prestar contas a alguém, criando uma prática de transparência e responsabilidade (LUTZER, 2008, pp. 88-91).

É importante compreender como o adicto interpreta o mundo sob a perspectiva manipuladora do objeto ou evento ao qual é viciado. Ele passa a tratar as pessoas ao seu redor da mesma maneira que vê o jogo, álcool, drogas, etc., buscando manipulá-las em busca de prazer. Quando familiares e conhecidos discordam de sua

atitude, a desconfiança se instala e o adicto passa a confiar mais no objeto ou evento do vício, mesmo que tenham o decepcionado, comprometendo assim seus valores éticos e morais. É importante ressaltar que qualquer pessoa pode desenvolver um vício em sua vida, seja por predisposição genética ou por abusos físicos, sexuais e emocionais na infância, mas é um fato que "o vício se enraíza bem no solo das famílias desfeitas" (Ibid., pp. 66-75).

Apesar de especialistas alertarem para os perigos do comportamento aditivo, o tema é muito complexo. Em todos os países e ao longo da história, sempre houve uma porcentagem da população lidando com sérios problemas de abuso de drogas. Collins cita George Mann, diretor médico do Instituto Johnson de Minneapolis, que afirma que "todas as substâncias químicas que causam dependência têm uma coisa em comum: elas provocam alterações de humor. Algumas dessas substâncias são extremamente potentes e altamente viciantes; outras têm efeito mais brando" (COLLINS, 2004, pp. 597-600).

A substância química interfere no desenvolvimento do adicto nas diversas áreas onde o indivíduo interage:

Nossa vida poderia ser dividida em quatro áreas gerais: vida familiar, vida social, vida profissional e vida espiritual. Quando uma substância química interfere com a produtividade, tranquilidade, eficiência ou bem-estar de qualquer uma dessas áreas, e a pessoa percebe que isto está acontecendo, mas continua usando a substância, esta pessoa está dependente, pelo menos psicologicamente. Se, além disso, a pessoa se sente fisicamente doente quando a droga é retirada, então também existe dependência física (Ibid., p. 600).

Ao lidar com um dependente químico, é importante considerar que este processo consome grandes quantidades de energia e tempo. Como afirmou Collins (Ibid., p. 609), "pessoas viciadas conseguem ajuda e muitas conseguem escapar das garras do vício, mas a porcentagem de fracassos é alta e as recaídas são comuns." O indivíduo deve receber cuidados de uma equipe multidisciplinar e acompanhamento médico, mas o tratamento é mais eficaz quando envolve a família e outras pessoas importantes para ele, orientando-o a fazer parte de uma rede de apoio que forneça auxílio prático para se afastar do vício. Se você não tem formação na área de aconselhamento ou experiência neste tipo de trabalho, procure trabalhar em parceria com médicos ou terapeutas.

Recomenda-se novas práticas e cuidados na reinserção social do adicto fora das instituições, sem excluí-lo do convívio familiar e comunitário. Precisamos ajudar o indivíduo neste processo a reconstruir as perdas e capacitá-lo para exercer seu direito de cidadania (SANCHEZ E VECCHIA, 2018, p. 2).

No processo de tratamento do adicto, a reincidência (recaída) faz parte do processo e não deve ser vista como um fracasso. É esperada e devemos encorajar a pessoa a continuar com o tratamento. Isso depende de como esta condição é percebida e tratada, pois se não for abordada de forma adequada, o indivíduo pode desistir, já que o afastamento do prazer lhe causa transtorno no organismo e a recaída é uma consequência do próprio tratamento (OCCHINI E TEIXEIRA, 2006, p. 233).

Esses mesmos autores consideram que além da família, os ambientes sociais e laborais têm responsabilidade sobre o adicto, influenciando no desenvolvimento do processo terapêutico e na manutenção do esforço conjunto de resgate desse sujeito à qualidade de ser completo e com condições de enfrentar suas questões de modo mais saudável.

A participação da família é um trabalho árduo, pois há um desgaste no grupo familiar devido a questões como agressões verbais, desvio de recursos para obter drogas, problemas com a polícia e a sociedade, e instabilidade no emprego. Isso não exime a família de responsabilidade, mas compreende-se o afastamento e, ao mesmo tempo, revela a implicação da família no contexto das drogas. Neste caso, a terapia familiar é necessária para intervir nos paradigmas da dinâmica e estrutura familiar, esperando a modificação dos mesmos. A aproximação do adicto à família demonstra que o problema não é apenas dele, e que ele tem alguém para compartilhar suas aflições (Ibid., pp. 233-234).

Para a realidade do adicto, que precisa de pessoas que o ajudem a lidar e a sair das drogas, Friesen cita L. W. Nichols, explicando este processo de aconselhamento como "a arte de ajudar indivíduos a alcançarem objetivos específicos que satisfaçam suas necessidades" (FRIESEN, 2012, p. 20). Sendo assim, o conselheiro precisa desenvolver um código de comunicação para que o indivíduo tenha certeza de que estão falando da mesma coisa, ou seja, compreendê-lo em seu mundo particular e falar sua linguagem familiar e cultural.

#### **4. ELEMENTOS PRÁTICOS DO ACONSELHAMENTO À FAMÍLIA DO ADICTO**

Percebemos então que a prática do aconselhamento remonta a tempos antigos. Desde que os seres humanos começaram a existir e a se relacionar, também iniciou-se a ajuda aos seus semelhantes, tornando-se de grande importância para as pessoas que necessitam dela. O ser humano está constantemente se relacionando com algo ou alguém, resultando em experiências (FORGHIERI, 2007, pp.126-129).

Quando o aconselhando procura pelo conselheiro, geralmente está aflito e solitário, enfrentando grandes dificuldades para aceitar e lidar com seus conflitos. "O fluxo de sua existência está encoberto pelas cinzas de seus sofrimentos, mesmo em momentos que poderiam lhe proporcionar bem-estar." A primeira tarefa do aconselhador é remover as cinzas para permitir que o aconselhando possa fluir, e "para que isso aconteça, é necessário que o conselheiro esteja totalmente presente para o aconselhando, proporcionando-lhe uma experiência imediata de bem-estar na relação entre ambos" (Ibid., p. 129).

Na relação entre o aconselhando e o aconselhador, deve haver um envolvimento existencial, onde o conselheiro esteja abertamente presente, criando um mundo comum para ambos, "entre realizações e frustrações, possibilidades e limites, alegrias e sofrimentos". Em outras palavras, o conselheiro busca amar seu aconselhando e permitir que ele adquira coragem para começar a aceitar e enfrentar seus sofrimentos, possibilitando, no processo, uma reflexão distante com o objetivo de desenvolver a conscientização e a tomada de decisões (Ibid., p. 131).

Uma ferramenta útil no processo de aconselhamento é o "auxílio de amigo para amigo". Esta opção depende da escolha de alguém que seja amigo, parente ou colega íntimo. Algumas das razões pelas quais se prefere recorrer a um amigo incluem o fato de os profissionais estarem com agendas ocupadas, enquanto um conselheiro amigo, que está mais próximo, está disponível por telefone. Além disso, uma consulta com um profissional pode ser cara, enquanto com um conselheiro amigo não há custo, e não há estigma associado a essa relação como há com um profissional. Falar com alguém próximo pode ser menos ameaçador, mas ao mesmo tempo há o risco de confessar intimidades que possam resultar em vergonha.

Com base em alguns estudos, há fortes evidências para apoiar a conclusão de que os amigos conselheiros são eficazes - às vezes até mais do que os profissionais altamente treinados. Essa afirmação é sustentada por várias razões:

O amigo conselheiro (a) está mais próximo do auxiliado, conhece-o como amigo e, assim, é mais capaz de entender seu problema e captar indicadores não verbais ou de demonstrar uma empatia mais sincera; (b) está mais frequentemente disponível, e, portanto, pode oferecer ajuda consistente e sempre quando é especialmente necessária; (c) em muitos casos, sabe muita coisa acerca da família do auxiliado, da sua situação no trabalho, das suas crenças, da sua vizinhança e, portanto, pode participar mais ativamente em orientar decisões, ou em ajudar o auxiliado a transformar a situação da sua vida; (d) pode comunicar na linguagem – inclusive na gíria ou na língua materna - que o auxiliado pode entender com facilidade; e (e) é mais prático, relaxado, aberto, informal, e propenso a injetar um pouco de humor que alivia a tensão (COLLINS, 1990, p. 59).

Neste processo de aconselhamento de amigo para amigo, sugere-se que haja treinamento, porém, um treinamento longe de métodos sofisticados, teorias complexas sobre personalidade e análises complicadas que resultam em um distanciamento no relacionamento entre o conselheiro amigo e as pessoas que estão sofrendo. Portanto, este treinamento deve ser orientado para "desenvolver a empatia, o calor, a autenticidade e os demais traços de personalidade que levam ao aconselhamento eficaz". O treinamento para os amigos conselheiros (e provavelmente para profissionais) deve ser prático e com os pés no chão, lidando com os problemas reais que pessoas reais enfrentam em suas vidas (Ibid., p. 62).

As técnicas aprendidas nos treinamentos devem ser colocadas em prática. O objetivo é fornecer apoio quando necessário, encorajar quando as emoções são expressas, orientar e ajudar os assistidos a entender seu comportamento problemático, praticar a confrontação do pecado e da irresponsabilidade, bem como comportamentos e inconsistências, ensinando diversas habilidades sociais. Além disso, é importante encorajar os assistidos a resistir ao pecado, superar seus problemas, trabalhar em comportamentos indesejáveis, fornecer orientação teológica com respostas e desafiar para que entreguem suas vidas a Cristo e sejam seus discípulos (Ibid., p. 65).

Outra técnica eficaz no processo de aconselhamento é a prática da consolação, que busca "comunicar vida em meio à morte e à dor". Consiste em colocar-se ao lado daquele que sofre e caminhar com ele. Essa ajuda visa que o aconselhado opte pela vida. Essa ferramenta é essencial porque supre a necessidade de alguém que precisa de companhia, escuta, compreensão e motivação. Normalmente, para desabafar, a pessoa precisa falar, e, portanto, deve haver alguém que escute, interaja com perguntas sábias e participe para entender aquele que está

falando. Para isso, devemos escutar de forma empática, imparcial, completa, paciente e interessada, almejando a comunicação da esperança e a reconstrução de relações. (INHAUSER; MALDONADO, 1989, p. 53-59).

Se unirmos nossa essência relacional com os métodos, técnicas e ferramentas apresentados aqui, podemos lidar com o adicto e seus dilemas com mais eficácia. Na verdade, esses elementos estão intrínsecos em cada ser humano, apenas precisamos aprimorá-los e aplicá-los.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tomando em consideração os dados apresentados nesta pesquisa, bem como o levantamento bibliográfico sobre o aconselhamento relacional, concluimos que este conceito serve como uma ferramenta útil no processo de reinserção social do adicto. Este conteúdo é um recurso que auxiliará famílias, amigos e colegas que tenham alguém nesse processo na busca de apoio para manter a sobriedade no ambiente familiar e social.

Investigamos as definições de diversas formas de aconselhamento e sua importância dentro das famílias, compreendendo que o ser humano é sociável por natureza, e os conflitos são inevitáveis, fazendo parte dessa complexa teia de relações interpessoais. Ao adicionar o elemento da adicção em pelo menos um membro da família, toda a dinâmica relacional fica comprometida.

Devido a essa complexidade, o aconselhamento torna-se uma ferramenta eficaz para lidar com os indivíduos envolvidos no problema, pois permite compreender o mundo do adicto e do codependente e agir de forma mais diligente, alcançando os objetivos propostos. Nesse processo, diversas abordagens podem ser utilizadas, como o aconselhamento pastoral, bíblico, cristão, de amigo para amigo, entre outros. É importante criar uma rede de proteção multidisciplinar, em que o conselheiro possa identificar os elementos do problema e encaminhar o adicto a especialistas para alcançar suas metas.

Nesta pesquisa, constatamos diversas estratégias sugeridas por especialistas que viabilizam o desenvolvimento do adicto na reinserção social e familiar, bem como do conselheiro. Observamos que é natural ao ser humano ajudar o outro, portanto estratégias como a escuta e a ajuda de amigo para amigo são importantes no processo de sobriedade do adicto. As famílias, amigos, colegas e profissionais têm

em mãos um recurso que oferece grandes contribuições na área do aconselhamento relacional na vida dos adictos às drogas e seus codependentes.

## REFERÊNCIAS

ATIENCIA, J. **Pastorear e Ser Pastorado**. Curitiba: Encontro, 2000.

BACELAR, A. S. **Por um Aconselhamento Pastoral Integral a Partir do Diálogo entre Teologia e Demais Ciências Humanas**. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2018.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

COLLINS, G.R. **Ajudando uns aos Outros pelo Aconselhamento**. 2ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.

COLLINS, G.R. **Aconselhamento Cristão**. 1ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.

FORGHIERI, Y. C. O Aconselhamento Terapêutico na Atualidade. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 2007, vol.13, n.1, pp. 125-133. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n1/v13n1a09.pdf>. Acesso em: 19 de junho de 2022.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do ser: treinamento em aconselhamento pastoral**. ed.rev. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2012.

GRZYBOWSKI, Carlos. **Pais Santos, Filhos Nem Tanto**. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2012.

INHAUSER, M. R.; MALDONADO, J. E. **Consolação e Vida: para uma pastoral de consolação**. Quito – Equador: Conselho Latino-americano de Igrejas, 1989.

LAMBERT, H. **Teologia do Aconselhamento Bíblico**. Estados Unidos: Editora Peregrino, 2017.

LUTZER, Erwin W. **Sete Ciladas do Inimigo**. Belo Horizonte: Betânia, 2008.

MACEDO, J. A. D. Aconselhamento Cristão em Perspectiva: uma apresentação dos cinco principais pontos de vista. **Fides Reformata**. São Paulo, vol. 24, n.1, pp. 9-22. 2019. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/50-outros/cpaj/Fides\\_Reformata/24-1/Fides\\_v24\\_n1\\_Pq.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/50-outros/cpaj/Fides_Reformata/24-1/Fides_v24_n1_Pq.pdf). Acesso em: 17 de junho de 2022.

MATIAS, F. J. **Aconselhamento Pastoral com Pessoas em Situação de Depressão: um estudo teórico na perspectiva da prática do cuidado**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST. Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2014.

OCCINI, M. F.; TEIXEIRA, M, G. Atendimento a pacientes dependentes de drogas: atuação conjunta do psicólogo e do psiquiatra. **Estudos de Psicologia**, v.11(2), pp. 229-236. 2006. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/epsic/a/mZXnqFjtb7kZx7tGJJcfQjy/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 de junho de 2022

SANCHES, L.R.; VECCHIA, M.D. Reabilitação Psicossocial e Reinserção Social de Usuários de Drogas: Revisão da Literatura. **Psicologia & Sociedade**. Minas Gerais, vol. 30, p. 1-10. 2018. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/99nkdwgFwnDMBzNNBx68G8R/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 10 de junho de 2022.

VIGITEL, **Vigitel Brasil 2021**: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, Departamento de Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021.